



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

CONVERGÊNCIAS ENTRE QUILOMBAGEM, QUILOMBISMO E COMUNITARISMO AFRICANO NUMA AÇÃO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA NO KAONGE E EM SANTIAGO DO IGUAPE-BA.

LIANE MONTEIRO¹

RODRIGO COSTA²

ROGÉRIO ROSÁRIO³

Resumo: O artigo visa identificar e descrever convergências de princípios da Quilombagem, do Quilombismo e do Comunitarismo africano à luz de Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento e Clóvis Moura, em um projeto pontual de Extensão do Grupo de Pesquisa Etnicidades do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU, UFBA), nas localidades quilombolas do Kaonge, na Festa tradicional da Ostra, e na observação de ações comunitárias de organizações locais em Santiago do Iguape, distritos de Cachoeira-Ba. Utilizou-se observação participante, fotografia e filmagem, ações educativas, através de rodas de conversa e oficinas brincantes e apreciação da gastronomia local. Concluiu-se que, princípios que mantêm os espaços auto construídos nestas comunidades quilombolas Kaonge e Iguape convergem ao pensamento dos autores trabalhados. O trabalho de Extensão possibilitou perspectivas metodológicas participativas à pesquisa, mantendo unidade entre pensar-sentir-fazer, destacando como convergências: liderança feminina, noção ampliada de família, partilha da terra e da produção, jejum, corporeidades no samba, culto ao sagrado afro-diaspórico, formas circulares nos diálogos de rodas de prosa.

Palavras-chaves: Quilombagem; Quilombismo; Comunitarismo Africano; Extensão - Kaonge; Santiago do Iguape.

I. INTRODUÇÃO

Iguape é uma palavra originária da língua indígena tupi-guarani: “lugar onde há água em abundância”, lugar que existe no seio da água. Santiago do Iguape é uma pequena vila de economia da maricultura. O pescado e as ostras são espécies encontradas. Pescadores, marisqueiras e grupos de agricultores quilombolas somam em média 2.500 habitantes, divididos em agrupamentos familiares vinculados por parentesco e associados por afinidades na produção econômica, artísticas e culturais, como o samba.

¹ Profa. Ma Liane Monteiro é Assistente Social, poetisa e Arte Educadora, Mestre em Políticas Sociais e Cidadania (UCSal), Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (FAUFBA), Grupo de Pesquisa Etnicidades (FAUFBA). Estuda Saberes ancestrais e organização de mulheres na resistência de Territórios Quilombolas. Desenvolveu carreira pública em assessoria de órgãos de Estado e Ensino Superior com ênfase em Educação Pública, Assistência Social e Habitação de Interesse Social, Direito à Cidade Antirracista e Equidade

² Rodrigo dos Santos Costa é Arquiteto e Urbanista e Fotógrafo, Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL), Doutorando em Arquitetura e Urbanismo (FAUFBA), Grupo de Pesquisa Etnicidades. Estuda Arquitetura e Afro-Brasileira, Comunidades Quilombolas, Terreiros de candomblé, Diversidade cultural afro-diaspórica, Habitação de interesse social e Planejamento territorial.

³ Rogério Rosário é Arquiteto e Urbanista | Universidade Federal da Bahia – FAUFBA, Mestrando | Universidade federal da Bahia - PPGAU-UFBA, Integrante | Grupo de pesquisa ETNICIDADES - PPGAU-UFBA



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDÍGENA E DIREITO À CIDADE

Distrito do Município de Cachoeira (Bahia), Santiago do Iguape localiza-se à margem esquerda da Baía e Vale do Iguape, na confluência do Rio São Francisco do Paraguaçu. Fundado pelos Padres Jesuítas em 1561, na então Capitania de Mem de Sá tem sua baía formada pelo alargamento do Rio Paraguaçu já perto da sua foz, sofrendo influência das marés, seguindo seu curso por Cachoeira e São Félix. Como comunidade tradicional resguarda economia, hábitos da vida cotidiana e cultura em ambiente pluvial e de maré. Na mesma localidade encontramos outras comunidades de remanescentes de quilombos: Engenho da Ponte, Engenho Novo, Calolé, Caimbongo, Opalma, Campinas, Kaonge, Calembá, Cabonha, Dendê, Embiara, São Francisco do Paraguaçu e Tombo, organizadas através do seu Conselho Quilombola, na atual gestão do Sr. Ananias do Nascimento.

O conjunto das comunidades quilombolas se distribui em rotas, como as Rotas da Liberdade, com o Turismo Étnico Comunitário, no Kaonge. A implantação da UFRB trouxe novos estudos e pesquisas nesta região, nestes vinte anos das Leis 10. 639 e 11. 645, que garantem a nível nacional a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo formal da educação. Neste contexto, situar o espaço a que pertencem escolas, universidades e outras formas de produção social do espaço e da educação é essencial considerando suas particularidades, também evidenciadas pela primeira vez no Censo do IBGE em 2022.

A criação do Ministério dos Povos Indígenas (Brasil, 2023), observa particularidades do povo indígena, em suas condições étnicas, territoriais e trabalhistas. Segundo o Ministério Nacional, “Os povos originários brasileiros ocupam apenas 13% do território com uma população de quase um milhão de almas, eles conformam 305 etnias diferentes falando mais de 274 línguas e com 724 áreas definidas como terras indígenas.” (Brasil, 2023).

Também na presença de indígenas Tupinambás, a Bacia e Vale do Iguape traduz essa hibridação originária na formação de quilombos em reconhecimento da Fundação Palmares, além de outras áreas não declaradas, também com ancestrais indígenas e



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

peessoas brancas que se aliaram aos propósitos. O Festival da Ostra é Patrimônio Cultural e Imaterial, sendo realizado desde 2008, com oficinas de culinária tradicional, feitura artesanal do azeite de dendê e feira gastronômica, tendo a ostra como ingrediente principal, fortalecendo o turismo de base comunitária, visitado por pessoas de várias partes do mundo e comunidades quilombolas.

Outras experiências de espaços auto construídos por famílias e grupos quilombolas de ação comunitária, cultural e educacional trazem a liderança de mulheres pela representatividade de seus saberes intergeracionalmente repassados e ampliados em sua família, no compromisso com sua comunidade. Dentre estas, o Instituto Mãe Lalu, que também esteve presente com estande para divulgação de projetos na Festa da Ostra, desenvolve a ação educativa com crianças de sete localidades no entorno de Santiago do Iguape. Moradoras também do Kaonge e Dendê e presentes nesta festa, as crianças participaram das oficinas educativas de confecção de mandalas com resíduos sólidos locais e cartografia local propostas pelas acadêmicas Mara Goulart e Valdéria Lopes e Iana Marucha. Com reconhecido valor consolidado do sentir-se um coletivo quilombola, aspectos estes trabalhados em atividades do Instituto Mãe Lalu, as crianças trouxeram suas criatividade e consciência do seu território quilombola.

Esta organização sem fins lucrativos tem como motivação a história de Aurelina Leal, conhecida pelas comunidades como Mãe Lalu: conselheira, parteira, curandeira, educadora e incentivadora da educação e do cuidado com as crianças, “verdadeira médica da comunidade”, no dizer de familiares. Na regência de suas ancestralidades, seus saberes diversos marcam a construção deste Instituto, também inspirado na ação cuidados com as comunidades, na partilha da terra, na ampliação da convivência familiar numa missão educadora entre gerações. Tem como projeto fundamental: Vamos todos Cirandar, na coordenação da sua neta Pedagoga Oracy Suzarte.

Neste momento de revisão metodológica dos projetos de pesquisa dos autores, o artigo é elaborado, junto ao ciclo de formação Do quilombo à favela, com o mestrando Rogério Souza e doutorandos Liane Monteiro e Rodrigo Costa, no estudo de autores que se



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

tornaram essenciais nas análises da real história brasileira e do protagonismo negro na constituição dos quilombos, experiência de unidade na diversidade de seus saberes interseccionados. Este é o conteúdo da segunda seção do artigo *O que nos ensinam os saberes de quilombos?* após esta introdução.

A terceira sessão verifica *convergências de princípios entre o pensamento dos autores na ação extensionista*, a partir da observação participante no Kaonge, na festa da Ostra, e das ações com as crianças, em sua maioria atendidas pelo Instituto Mãe Lalu, no dia 14 de outubro e em Santiago do Iguape, no dia 15 de Outubro, na visita guiada ao Terreiro Ilê Axé Xapanã, com a família de Rodrigo Costa, também bisneto de Mãe Lalu, procedida pelo almoço em roda de conversa Sabor e Saber, com Dona Dan, Restaurante Boa Moqueca, membro da Associação de Marisqueiras. Este momento representou a riqueza da Aquicultura local e expressão de saberes tradicionais femininos do extrativismo e gastronomia local. Também em parceria com a pedagoga e gestora da educação pública em Salvador, Olgalice Suzarte, a primeira neta da família incentivada pela avó na formação em Educação.

Por fim, realizamos as considerações finais apontando a convergência dos princípios entre a experiência de extensão e os autores estudados, em curricularização da Extensão, com a disciplina urbanismo Africano, com o Prof. Henrique Cunha. Também de que forma essa experiência de extensão pode orientar nossos caminhos metodológicos e que desdobramentos possíveis de outras ações poderão ser propostos no percurso metodológico do projeto de pesquisa, sempre na intenção de contribuir com uma política extensionista efetiva no PPGAU integrada a ensino e pesquisa, na tradição do Grupo de Pesquisa Etnicidades.

Serão utilizadas descrições dos conteúdos da observação participante e avaliação de acadêmicos sobre o projeto. Fotografias e gravações serão dispostas na produção de vídeo. Seguimos na perspectiva de valorização de projetos desenvolvidos que fortalecem o poder local através de intervenções que considerem as tradições das suas comunidades, sua identidade e originalidade do seu povo.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Ainda que não se detenha a estudos quilombolas, cabe reiterar Paolo Colosso ao conceber a cidade, como a maior expressão da cultura de um dado momento histórico, sendo esta capaz de traduzir, decifrar os traços e desafios de uma época. Fato este que incide diretamente na perspectiva de uma cultura urbana transformadora, implicando em refletir o próprio papel de urbanistas e arquitetos nesta perspectiva, em projetos coletivos capazes de ensinar a real democracia, uma outra sociedade, de fato há muito a aprendermos com os espaços de quilombos.

II. O que nos ensinam os saberes de quilombos?

Repensar a pesquisa e a extensão a partir da cosmovisão africana

No permanente estado criativo aqui encontrado pelos autores, as particularidades de se inserirem neste universo da Cosmovisão Africana, afeta-os como seres que, ao conhecerem e se depararem com estes saberes, heranças e memórias, também se reconhecem neste complexo campo de história e narrativas, em sua pluralidade e complexidade, por terem suas famílias e suas origens situadas no Recôncavo Baiano. A busca que se torna a razão primeira é a real formação sócio-histórica brasileira e as africanidades presentes e persistentes como protagonistas do processo de formação e resistência das cidades afro diaspóricas e territórios quilombolas na Bacia e Vale do Iguape - Bahia, na permanência de povos originários e comunidades tradicionais - aspectos trazidos nas pesquisas e estudos do Prof. Dr. Fábio Velame (2020, 2021, 2023).

Dentro da construção destas cidades a criação autogestionada de espaços pela própria comunidade coopera como fator de resistência cultural e permanência, através das suas festividades, arte, gastronomia regional, economias em métodos tradicionais de extrativismo e produção, tecnologias de construção civil e arquiteturas tradicionais e pelo respeito aos ecossistemas num território eminentemente pluvial. O povo que lida e acolhe o próprio povo, que inclui, valoriza, evidencia e traz nos diversos espaços comunitários retorno e consciência sobre as possibilidades de juntos e juntas transformarem o espaço e se transformarem nele.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

A africanidade é um conceito que unifica o pensamento africano sobre o seu continente, como também orienta a existência de um sentido africano com relação à produção científica e cultural. Existem especificidades continentais, raciais, contrapondo discursos universalistas sobre a humanidade e assim assumindo posturas reducionistas e de invisibilização negra. O lema da Unidade na Diversidade fornecido pelo conceito de africanidade é de grande importância para a reconstrução política, econômica, social e cultural dos povos africanos e dos descendentes, pois permite autenticidade e valorização em relação ao ser europeu.

Como princípios relevantes debatidos no Ciclo de Formação do Quilombo à Favela e nesta experiência de extensão notamos a constante presença, em sua ética e estética dos seguintes aspectos:

- a) a liderança da mulher em ações organizativas da comunidade;
- b) compartilhamento da terra e da produção;
- c) noção ampliada de família, não restrita ao domicílio;
- d) associativismos artísticos e culturais;
- e) culto ao sagrado afrodiaspórico - religiões de matriz africana;
- f) preservação de formas tradicionais de extrativismo;
- g) arquiteturas tradicionais de terreiros;
- h) relação livre com a natureza;
- i) o sentido do ajeum na gastronomia.

Esses princípios compõem conjuntamente, unidade da cosmovisão africana, numa noção de pessoa, integrada às ancestralidades e sentido da ética Ubuntu: eu sou quem nós somos coletivamente.

III. Convergências de princípios ao pensamento dos autores na ação extensionista

A radicalidade da Quilombagem premente em Clóvis Moura e a visão contundente na Roda de Prosa e na ação do Conselho Quilombola



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

O sistema escravista no Brasil e todo o escravismo o antigo e moderno, nas travessias Atlânticas, alcançou formas inóspitas aos corpos e espíritos negros coletivamente e simultaneamente retirados de seus territórios originários da África. O tratamento dos corpos humanos como cargas marítimas, de crueldades inatas, no derramamento do sangue e da moral deu-se através de rebeliões diversas.

Em *Rebeliões da Senzala*, as insurreições negras são trazidas por Clóvis Moura, para compreender a formação econômica e social do Brasil escravista. Assim, a luta de classes no Brasil tem cor. E é este o seu tema central, para além de ser um livro sobre escravidão. Como formas de lutas clássicas, Clóvis Moura aponta a própria formação dos quilombos, guerrilhas, insurreição armada, revolta organizada pela tomada de poder, também incluindo o movimento não negro organizado. Dentre tantos exemplos as Lutas de Manuel Balaio e Preto Cosme, Bem-te-vis no Maranhão e papa-méis em Alagoas, Moura aponta como problema de base a interpretação histórica eurocêntrica do Brasil e a real formação sociohistórica brasileira a partir das organizações e formas de luta negras.

Para a superação da dicotomia senhor e escravo, o autor imprime uma visão de quilombo que pressupõe que a continuidade da existência somente se dará na permanência dos vínculos com seus semelhantes. A rebelião é a forma essencial de negação escravista. Moura a seu tempo retrata o aumento das fugas, a organização para receber os rebeldes nos quilombos fixos, na conciliação com táticas de guerrilhas móveis, como formas de resistência, através de revoltas organizadas pela tomada do poder, saques, furtos e ocupações permanentes.

No pensamento do autor nota-se a nítida e estruturante exclusão da massa do povo negro da **cena sociopolítica** também aparece na **cena científica e histórica** como interpretação branca. A dominação de classe entrecruzou-se com dados étnicos raciais - o negro só saiu do porão da história quando se "branqueou", quando perdeu a sua identidade. Assim, a pura negação da história escravagista não equivale à sua



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

superação. Rebeliões da Senzala tem sua primeira edição, de 1959, pretendendo compreender o problema negro na formação brasileira partir da concreta intervenção prático social de pessoas escravizadas ao longo da colônia e do império, até o compromisso abolicionista.

Quilombagem é processo proposto como permanente e radical entre aquelas forças que impulsionaram o dinamismo social na direção da negação do trabalho escravo. Necessário para Moura a descrição das condições das lutas negras no interior da nossa sociedade escravocrata quanto a uma convincente explicação do seu papel nas lutas sociais brasileiras até finais do século XIX. Traz elementos para esclarecer " a participação do escravo como força dinâmica, com o contribuinte ativo no processo histórico " da formação da sociedade brasileira, Clóvis Moura elaborou uma obra de leitura compulsória.

Clóvis Moura na sua análise privilegia as diferentes manifestações de luta de classes desde o escravismo ao regime assalariado. A esse respeito, Ananias Nascimento, então Conselheiro Estadual Quilombola desenvolveu narrativas que guardam esta radicalidade de pensamento em críticas severas ao trabalho escravizado e da forma exploratória assumida por trabalhadores negros que, mesmo diante da Consolidação das Leis do Trabalho e da luta pela propriedade da terra, atestam todos os dias as desigualdades perversas sobre o povo negro mesmo que alforriado, a pretexto de situações exorbitantes de trabalho para a compra da sua liberdade e dos trabalhos exploratórios continuados mesmo em situação de compra ou herança de terras pelos seus ex senhores de engenho.

Princípios de Clóvis Moura são trazidos nas falas das lideranças nas rodas de prosa na Festa da Ostra na retomada da história da formação destes territórios quilombolas que anualmente atualizam a Carta Quilombola, documento que mantém as diretrizes para o controle social e governança territorial. Na visão que ficou conhecida como mouriana, o quilombo não se trata de um refúgio ou sobrevivência cultural, mas uma resposta coletiva do escravizado a uma ordem social baseada no trabalho forçado. Clóvis Moura era



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

contra todas as formas de resistência passiva a escravidão. Aspecto este ressaltado na festa da Ostra, em diversos momentos de falas de lideranças, ao considerar o quilombo uma organização poderosa de resistência e de formação de tecnologias sociais - a constituição dos conselhos quilombolas e da inclusão da categoria espacial ao conceito de Governança Territorial (Araújo e Pedreira, 2018) constituiria uma arma mouriana moderna? e como se mantém este armamento jurídico diante da persistente violação às integridades dos corpos negros nas violências urbanas?

A “quilombagem” como agente de mudança social provocado constitui um movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelo povo negro escravizado, que promoveu desgaste no sistema escravista, nos planos econômico, social e militar, influenciando para que entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre.

IV. O Quilombismo e o comunitarismo na visão de Abdias do Nascimento e Beatriz Nascimento.

Esta autora define o quilombo como um conceito em movimento. Compreende-o ao longo da história, variando conforme sujeitos e propósitos de suas definições e contextualizações sociais, políticas e culturais - rompe com a compreensão colonial de “escravos fugidos”. Caracteriza-se como instituição africana, de origem angolana e pré diaspórica, com conotações adquiridas pelo termo no Brasil colonial e imperial, até sua caracterização como resistência cultural negra na contemporaneidade.

Como resistência cultural negra, o quilombo traz para as comunidades não apenas o território geográfico, mas o território simbólico, aspectos estes bastante evidenciados nos depoimentos de crianças atendidas no Instituto Mãe Lalu participantes da Festa da Ostra. Beatriz Nascimento ressalta a importância do desenvolvimento de estudos sobre o que se denomina paz quilombola, para além da perspectiva da guerra sobre esses territórios. Recebe como significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão, do sonho de liberdade de milhares de escravos das plantações em São Paulo, mais das vezes através da retórica abolicionista.



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

Abdias do Nascimento sistematizou o termo quilombismo para definirmos quilombo como uma ideologia política que parte das experiências de resistência cultural negra e suas respectivas formas de organização social ao longo da história. Não significa escravo fugido, mas reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Retrata-o em sua obra como um conjunto de práticas de organização social e política destinadas à resistência cultural negra. Assim, filosofia política afro-referenciada, observado no samba de raiz, no extrativismo da ostra e celebrações que integram a comida tradicional e as festas.

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, facilitando sua defesa e sua organização econômico social própria, como também podiam assumir modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas, recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Ele propõe que o quilombismo seja adotado como um projeto de “revolução não violenta” da população negra brasileira com o objetivo de criar uma nova sociedade, o “Estado Nacional Quilombista”.

O sentido do Ser e Conviver Quilombola na percepção do grupo de acadêmicos participantes do projeto de extensão, como resultado da avaliação pelos graduandos e pós-graduandos, apontam para que 93, 3% participariam novamente em uma ação extensionista em quilombo, em mais de 65% de participantes respondentes. Como principais sentidos sobre o ser e conviver quilombolas trazidos pelo grupo a atenção às falas de mulheres mais velhas e de notória sabedoria como a Sra Geovanda, lalorixá, “ (...) quando ela diz que os quilombos tem que se unir dar as mãos, que religião não importa, quando um irmão precisa de ajuda. Mulher de grande sabedoria”.

No depoimento da liderança “fico feliz, por vocês estarem felizes. A terra é de uso para todos. Não vivemos do terreiro, e sim vivemos para o terreiro e a comunidade” ressaltou a unidade de integração da pessoa com as pessoas, o sentido da oralidade africana mais uma vez se fez notado. A importância da circularidade, da roda, do coletivo, de como



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

compartilhar as vivências, escutar e aprender. O grupo de participantes avaliou a presença da oralidade na expressão das lideranças quilombolas “tiveram várias falas potentes que me atravessaram a frase: Não há nem saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes, essa é a diferença, nesse espaço caminhamos respeitando a todos a gente vive bem”. Para Ananias Nascimento em seus depoimentos freirianos aliados aos depoimentos da Ialorixá, também gestora da Escola local quilombola, reiteram o sentido de ser pessoa e das pessoas que nos habitam, bem como o reconhecimento do poder da palavra e dos saberes nas manifestações de sua oralidade.

A dimensão pedagógica do espaço e a interlocução de saberes também é representada pela satisfação dos participantes do projeto sobre falas expressivas de membros do Conselho Quilombola e outras lideranças locais sobre a necessidade do povo quilombola se inserir nos espaços acadêmicos, tanto como acessar os cursos para formação profissional e assumir espaços na docência, para que se modifique a lógica tanto capitalista quanto do eurocentrismo, porque os quilombolas inseridos numa perspectiva afrodiaspórica pensam e agem de forma coletiva. Ainda é destacado o sentido de mudança naquilo que nos foi imposto como o que é o certo ser feito. “ Os quilombolas não sabem fazer direito, porque é o que é certo ou direito na visão eurocentrada e colonial? Tudo seria linear, seguindo uma lógica, porém, o povo preto, quilombola, vive dentro da perspectiva circular, envolvendo o todo, o tempo é quem rege os momentos”. Nas rodas abertas ao compartilhamento da dor e da justiça, da festa, da arte e da cultura as ancestralidades se manifestam em seus corpos e saberes.

Para o Professor Dr. Rafael Sânzio (2005) os agentes que atuam na configuração geográfica atual e o que pode vir a acontecer, ou seja, é possível capturar as linhas de forças da dinâmica territorial e apontar as possibilidades da estrutura do espaço no futuro próximo. Ao se referir aos aspectos geopolíticos, reitera que essa área do conhecimento “ tem o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis para a sociedade, de dar explicações para as transformações territoriais e de apontar soluções para uma melhor organização do espaço”. Então no dizer de lideranças “respeitando todos a gente vive bem e a gente não deixa o barco afundar”. Que “ a religião não



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

importa, porque a religião é aquela que mostra pra que foi que você veio (...). Os ancestrais sabiam o que era roda de prosa. Não sabiam o que era uma cadeira atrás da outra como nas universidades, sabiam o que era uma roda e o poder que ela tem, todo mundo de frente um para o outro” - conteúdos reiterados nos depoimentos de lideranças locais, especialmente mulheres.

Uma proposta de “desenvolvimento com envolvimento” é reportada frequentemente nos depoimentos de lideranças quilombolas, como instrumento permanente de circulação de saberes e tecnologias sociais, pois que no processo dito abolicionista não se envolveu a maioria da população escravizada, porque a maioria tinha que continuar com a escravidão. “Disseram pra gente que a gente não ia ter mais engenho, então a gente seria moeda de troca?”

“Eu falo sempre que várias coisas aconteceram pelas universidades. Uma meia dúzia para favorecer só eles. Tantas cabeças pensantes capazes de mudar essa realidade. Isso aqui é uma universidade do conhecimento popular “ - a evidente radicalidade com uma intensidade da quilombagem reitera Clóvis Moura e logo evoca o manancial pedagógico do Quilombismo de Abdias do Nascimento.

Neste universo de tensões entre trabalho e educação, o salário mínimo é instituído, sendo “meia dúzia pra ficar rico e a maioria trabalhar para enriquecer a mesma meia dúzia”. E se esses que trabalham e minimamente são pagos também permaneceram fora da escola, então as rodas de prosa da Festa da Ostra persistem na orientação e urgência de “mudar os métodos de ensino e contar a verdadeira história, pois o povo negro, as famílias que se formaram nos quilombos deixaram o conjunto de saberes que não se perderam nos navios escravocratas, mas foram preservados no respeito e na organização coletiva um pelo outro.” - segundo o mesmo participante descoloniza saberes.

O Conselho Quilombola representa espaço de construção social e política, onde não se pretende fazer o que a escola tradicional representou e ensinou a jovens e crianças



SALVADOR E SUAS CORES [2023]

POR AÇÕES AFIRMATIVAS URBANAS – RACISMO, POPULAÇÃO NEGRA, INDIGENA E DIREITO À CIDADE

negras, sobre o seu fazer direito. Segundo refletem, a construção de não fazer direito é necessária, diante da necessidade de fazer de nosso modo tradicional em suas africanidades, acompanhando o tema da 15ª reunião de lideranças das comunidades quilombolas, Quilombo, ciência, sustentabilidade, ancestralidade e resistência. Trata-se de uma reunião bimestral e rotativa entre municípios do Recôncavo, para pautar as demandas das comunidades para serem dialogadas junto com os três poderes e nas esferas privadas.